

PROJETO DE PESQUISA

Maria Julia Pascale

Observando a história mais recente da cultura brasileira, especificamente no que concerne ao Teatro, veremos que as últimas manifestações expressivas de representação e recriação da personalidade “brasílica” têm os nomes de Teatro de Oficina e Teatro de Arena e seus marcos no final da década de 60 e início da de 70.

Portanto, vemos que a repressão teve conseqüências bastante drásticas nas formas de expressão dos artistas deste país. A geração que está entre os 25 e 35 anos não teve ainda a oportunidade de propor a sua linguagem, mostrar suas idéias ou apresentar seu ideal de futuro. No cenário Teatral, esta geração não se acha representada.

No campo das ciências humanas e sociais, das artes plásticas e até mesmo da música, a personalidade “brasílica” tem sido mais pesquisada. Podemos notar um trabalho de achego às raízes deste país através de um Darci Ribeiro, Egberto Gismonti ou Marlui Miranda, afora outros. No entanto, o campo teatral carece desta abordagem. Quando se representa as questões indígenas, por exemplo, o veio condutor é o histórico-social ou então das fábulas e lendas. A sensibilidade e a percepção são aspectos ignorados.

A partir destas considerações e também de uma grande disponibilidade de alma, pretendo desenvolver e apurar uma certa percepção da sensibilidade indígena brasileira. Buscando aprofundar em mim, como intérprete e atriz, as características “brasílicas” latentes.

Para tanto pretendo permanecer numa tribo durante algum tempo a fim de aprender, captar, plamar-me com o universo instintivo e primitivo do indígena, o que já percebo em mim, por ter uma descendência materna indígena, mas que em seu estado extremamente bruto e reprimido não está ainda decodificado. Escolhi uma tribo de nome Salumã, que fica no Mato Grosso, por ter notícia que seu comportamento ainda está pouco afetado pelos padrões ‘civilizados’ e a área do Xingu, pois, exatamente por estarem mais protegidos das questões de demarcação de território, os índios desta região vivem mais tranquilamente, preservando os seus costumes e manifestações.

Minha estada nestas aldeias será dedicada a aprender o Brasil, pesquisando-o intuitivamente e não por métodos que estejam afetos a outras ciências. A ciência do ator é a própria vida, a sensibilidade e a intuição. Estes é que serão os meus instrumentos de trabalho para captar um pouco mais deste povo apelidado “brasílico”.

Pretendo que me seja dada uma autorização de um ano e seis meses para a estada em área indígena a começar de fevereiro de 1985.

Como proposta de realizações posteriores à pesquisa apresento:

1. a médio prazo: participação como intérprete num espetáculo “de envolvimento”, de busca de uma representação “em torno” (do público), intitulado “Numa Noite, Um Bar”, de autoria de Paulo Macedo.
2. a longo prazo: criação de um Espetáculo de Parque, com temática inspirada no teatro de rua dos séculos XVI e XVII, abordada por uma linguagem de novos signos (brasílicos) e super-representação (grandes movimentos, bonecos e sinais gigantes).

Ilmo. Sr.
Fernando Lins
Secretaria de Assuntos Sócio Culturais
Ministério da Cultura

Venho a Vossa Senhoria apresentar um projeto de pesquisa e solicitar sua intenção no que concerne à obtenção de recursos para a continuação de um trabalho.

Conforme o curriculum anexo pode-se observar que tenho participado da produção teatral paulista desde 1973.

A partir de 1983 alguns fatos e estudos artísticos mudaram o rumo das minhas atenções no campo do teatro:

- 1 Aprimoramento da minha expressão corporal através do curso de dança Klaus Viana (1983-1986);
- 2 Curso de Mímica com Denise Stoklos (1983);
- 3 Participação na Oficina de Teatro do teatrólogo Luís Roberto Galízia (1984);
- 4 Atriz do espetáculo “O Exercício”, de Lewis John Carlino, sob direção de Miriam Muniz, com atuação elogiada tanto pela crítica especializada como pelos companheiros artistas (1984);
- 5 Estudo da mitologia clássica e leitura dramática pública dos textos teatrais gregos, no Anfiteatro da Universidade de São Paulo, sob orientação do catedrático carioca Junito de Sousa Brandão (1985);
- 6 Visita às aldeias Nambikwara, grupo indígena que vive no Mato Grosso do Norte (1985);
- 7 Estudos da filosofia Zen-budista (1985-1986).

A reunião destas experiências e estudos resultou num primeiro espetáculo intitulado TRANSPIRAÇÃO (vide pasta em anexo), que estreou em dezembro de 1985 no Centro Cultural São Paulo e também foi apresentado em Rondônia e Mato Grosso do Norte.

Para um aprofundamento da linguagem, voltei aos estudos indígenas em janeiro deste ano, visitando desta vez as aldeias dos Inauenê-Nauê, no Mato Grosso do Norte, na qual fiz uma apresentação do espetáculo (vide foto colorida em anexo).

Também com o mesmo propósito estive trabalhando com Kazuo Ohno, mestre da dança moderna japonesa, criador do butoh, nas cidades de São Paulo e Brasília.

Para que a próxima etapa desta pesquisa (cujo resultado pretende ser apresentado no final dos próximos dois anos em forma de espetáculo teatral) seja vencida, preciso de sua atenção. Pretendo passar os próximos oito meses (de junho a janeiro de 86) visitando outras aldeias da mesma região (Mato Grosso e Rondônia), pesquisando os rituais e o gestual cotidiano indígenas. Esta ação me exigirá recursos de Cz\$ 5.000,00 (cinco mil cruzados) mensais, o que soma Cz\$ 40.000,00 (quarenta mil cruzados), que servirão para custear despesas com transportes, estadias e alimentação, bem como materiais para documentação do trabalho.

Ao final desta etapa pretendo: passar três meses no Japão fazendo um curso com Kazuo Ohno e aprofundar o estudo da mitologia clássica e da filosofia Zen-budista. Daí sim, estarei apta a iniciar uma montagem teatral, envolvendo profissionais de teatro de vários estados brasileiros.

Na expectativa de uma solução favorável que venha viabilizar este meu entusiasmado projeto,

Atenciosamente,

MARIA JÚLIA PASCALE

Brasília, 25 de abril de 1986.

São Paulo, 8 de Janeiro de 1985

Caro Vicente Cañas

Estou tomando a iniciativa de lhe escrever por indicação de um amigo, o antropólogo Rinaldo Arruda, que já esteve em visita curta aos Salumãs.

O motivo desta minha carta é pedir uma orientação de como e se eu poderia fazer uma visita a tribo dos Salumãs durante o mês de fevereiro.

Sou atriz profissional há onze anos e trabalho na pesquisa teatral e da interpretação buscando aprofundar os sentimentos e a expressão da alma humana, esta maravilha.

Neste ano que passou, 1984, realizei o trabalho de maior peso da minha vida profissional. Fiz uma peça chamada “O Exercício”, que exige dos dois atores que a interpretam não só uma profunda observação da interpretação em si mesma, como um despojamento muito grande dos próprios preconceitos.

Aprendi bastante nesta temporada de nove meses de espetáculo. Dentre as inquietações que se me colocaram no decorrer do trabalho, uma delas me levou à seguinte observação e busca: a autenticidade é um atributo fundamental para se ser uma atriz conseqüente, que transmita esperança de vida.

Nestes últimos meses, o Teatro me fez experimentar muitas sensações e eu permiti que elas me conduzissem em cena. Estar duas horas vivendo uma personagem, sem interrupção, possibilita o teu inconsciente se liberar mais e se sua alma estiver aberta pode-se captar mensagens até então nunca recebidas.

Assim, em certas cenas, eu me flagrava vivendo e forjando experiências fascinantes que na vida real eu nem saberia como fazer. Esta “capacidade” me fez pesquisar um pouco mais o meu passado, por isso essa minha vontade de conhecer o meu lado negro e especialmente o indígena.

(Minha mãe é neta de índia, mas ela foi cada vez mais assimilando os hábitos do parceiro de casamento, no meu caso, os italianos.)

Acredito que devo voltar ao palco e ao meu público com uma nova expectativa e esperança de vida. Minha reflexão neste momento de vida, deve ser feita junto aos

elementos mais naturais, puros e primitivos, deixando que o meu ser se invada dos fluidos elementares, instintivos, energéticos e místicos.

Nesse momento, gostaria de estar aí com vocês, na aldeia Salumã, buscando a pureza e a autenticidade das expressões, me aproximando um pouco mais da Natureza, em todas as suas manifestações.

Sinto que esta minha estada aí tem um sentido quase existencial. É a minha arte, a minha “missão”, que me leva a te pedir, Vicente, que me oriente.

Gostaria que você me escrevesse dando sua opinião e todas as diretrizes que você julgar necessárias. Enfim, você é o próximo ator a entrar em cena, pelo menos neste simples ato de comunicação entre duas pessoas. Me receba abertamente e, por favor, desculpe-me desde já por não te apresentar nenhuma “tese”, estou seguindo um apelo que só é afetado pelas transformações da lua guia.

Um abraço fraternal e carinhoso,

São Paulo, 11 de Fevereiro de 1986.

À Nação Kikbaktsa

Caros Amigos,

Estou escrevendo esta carta para contar o que eu gosto de fazer e para pedir sua ajuda.

Amigos, eu trabalho com Teatro. Imito gente, conto histórias conhecidas ou inventadas, danço, canto. Eu e meus companheiros de trabalho fazemos isso para mostrar para o povo que vai assistir a peça de Teatro alguma idéia na qual acreditamos.

No ano passado eu fui visitar os Nambikwára e no mês passado eu fiquei aí bem pertinho também, na aldeia dos Inauenê-Nauê. Estas visitas são para eu aprender como o povo que vive no mato pensa e faz suas festas e rituais.

Eu fiquei sabendo, através do Fausto, que vocês estão preparando uma festa que tem bastante imitação e histórias do povo Rikbaktsa. Se vocês me permitirem eu gostaria de visitar a sua gente e poder ver a festa que vocês estão preparando.

Eu quero aprender com vocês para chegar aqui, na cidade, e tentar mostrar um pouco da sabedoria do índio. É difícil fazer o povo da cidade sentir com o coração. Aqui tudo se resolve com o dinheiro e o pensamento frio.

Eu estou tentando fazer essa gente mudar um pouquinho. As histórias e o jeito de viver dos Rikbaktsa que eu aprender poderão entrar no coração das pessoas e daí elas vão perceber que o índio é bom, é sábio, tem muito para ensinar para o branco. Quem sabe, a minha peça de Teatro poderá ajudar e aí eles vão deixar os Rikbaktsa e todas as nações indígenas em paz nas suas terras.

Eu fico esperando a resposta de vocês me dizendo se eu posso ir ou não. Se eu for aceita eu quero estar aí em abril.

Por favor, me expliquem como eu faço para chegar na aldeia porque eu só sei ir até Fontanilhas.

Se vocês encontrarem o Rinaldo peçam para ele umas fotografias minhas, que ele tem. Elas estão num papel junto com outros da peça que eu faço chamada **TRANSPIRAÇÃO**.

Amigos Rikbaktsa, me despeço com a esperança de poder conhecê-los pessoalmente no mês de abril, aprendendo como é a festa de vocês.

Enquanto aguardo, parte do que sente o meu coração fica perto de vocês todos, todos, amigos que vivem aí no mato.

Julia Pascale

Endereço para Resposta:

Julia Pascale

Al. Barão de Limeira, 1141, ap. 52

São Paulo – SP

CEP: 01202

PROJETO RIO 12

Maria Julia Pascale

RELATÓRIO I – MINC/INACEN

A. ROTEIRO:

1. Cuiabá – MT – casa de trânsito da OPAN (Operação Anchieta), entidade indigenista; casa de trânsito da Missão Anchieta, que recebe os índios em passagem por Cuiabá; hospital da FUNAI; encontro com cacique – xamã Xavante.
2. Viagem para as aldeias dos índios Parecis – aldeia do Paredão.
3. Visita a aldeia do Sacre dos índios Irantxe.
4. Visita a aldeia do Cravari – dos índios Irantxe.
5. Visita a aldeia dos MINKI – próxima à cidade de Brasnort.
6. Estada na cidade de Brasnort acompanhando índios doentes.
7. Viagem em avião da Funai para Cuiabá, com uma família de índios.
8. Longa busca (3 dias) por um hospital que recebesse a índia doente acompanhada do marido e filho pequeno.
9. Acompanhamento da doente em Hospital Cuiabano.

B. OBSERVAÇÕES:

1. Histórias do Fernandes (ex-boiadeiro e desbravador do interior dos Estados de Mato Grosso e Rondônia):
 - a. uma freira que chegava pela primeira vez numa aldeia indígena, com o propósito de atrair os índios, jogava caramelos e pirulitos pelo chão.
 - b. Certa vez, os índios canoeiros (Rikbaktsa) foram encontrados no barco à beira do Rio Juruena, levando duas cabeças de seringueiros à bordo.
 - c. Os índios “Cinta Larga” mataram o grande pistoleiro “Canguru” e comeram ele todinho.
 - d. Os índios comem os outros índios para ficarem com a força dos mortos.
 - e. “se o Rio Juruena pudesse contar as histórias das cruzes que estão fincadas nele, a água secava.” Fernandes.
 - f. De quatro em quatro anos há um ritual das mulheres Salumã – os homens cuidam de tudo, das comidas, das crianças e as mulheres dançam.

- g. Os índios mais novos formados no Utiariti (colégio interno dos padres) diferem bastante dos índios mais velhos nas questões de “guerra”. Os mais velhos ainda têm uma postura guerreira. Etc...

2. Notícias da Política Indigenista Oficial ou Não:

- a. Sob o comando de um dos Junqueiras fazendeiros uma série de gatos (espécies de capanga) capturam homens do campo e sob regime de escravidão os transportam para um determinado território indígena. Estes homens, sob ameaças de tortura e outros tipos de mau tratos, se vêem obrigados a destruírem qualquer vestígio das tribos indígenas, sejam suas roças e cruelmente os próprios indígenas, como os Nambikwarinha (arredios).
- b. Território dos índios Salumã é invadido por seringalistas conforme denunciam os caminhoneiros.

c. Protesto:

Sob este céu fulgurante
 irradiando faíscas
 de luz e felicidade
 jorra o sangue
 entre dentes
 de irmãos que mais conhecem
 este céu e este sol.

Vive também
 um trator devorador
 o monstro destruidor
 que algema o branco
 cospe no negro
 mata o índio.

Um Junqueira
 nesta terra
 me envergonha
 me alucina.

Sinto ódio,
 impotência
Tenho um medo
 irracível.

Céu aberto
gente morta
irmão de luz
a treva come.

Sob o mando desalmado
de um turista depredando
toda a Terra e todo o Amor.

Destruir
Rarefazer
Entumecer
Comer,
Verbos fortes
apropriados
pra este ser
que enlouqueceu.

Tenho a vista
desviada
do sublime entardecer.
Ele está todo manchado
pelo sangue avermelhado
que correndo sobre a terra
forma lágrima doída
que meus olhos se recusam
a chorar

a lamentar.

Muitos gritos
Muitas lâminas
não expressam
meu terror.

Me sufoco
enrolo a língua
giro o olho
de pavor.

O cabelo em desarranjo
só embala o torturar
desta alma machucada
envergonhada de aflição.

Quantas vidas?
Quantos cantos?
mães e filhos
pais e amigos
xamãs
líderes
amores
cantores?
Onde está o povo amigo
Que o Junqueira aniquilou?

Filho da pu ta!
Filho da Pu ta!
Filho da pu ta!!

(Respiração)

Viver sob este céu
 é ter mil sustos
 é ter orgasmo e amor
 é engolir sangue
 é sentir dor.

Há que se sujar
 Não dá para esquecer
 Não dá para não ver
 a terra a estremecer
 “com este sangue a correr”
 a varrer para o Brasil
 um saber que só a viver
 poder florescer e curtir.
 Você está sofrendo
 Eu também e estou sozinha
 O céu está brilhando
 Índios estão morrendo
 outros estão resistindo.

Como estará o céu amanhã?
 (Julia Pascale)

3. Detalhes:

- a. música dos índios Meináco registrada pela equipe do Marechal Rondon (Índios do Brasil II – Rondon – 1953)
- b. corte de cabelo Avêti: no alto da cabeça como uma coroa há uma área raspada em forma circular com um chumaço no centro.
- c. palavras da equipe Rondon: “As mulheres dos Bacairí da nova geração, já têm o aspecto das mães civilizadas” (grifo meu).

- d. reprodução, através de gráficos, de pinturas corporais dos índios Karajá, Kamayurá e Pianokotó Maripá (arquivo da pesquisadora)
- e. Acompanhamento e colaboração na preparação de seis novas indigenistas.
- f. 24 horas na vida um cacique-xamã Xavante em Cuiabá.
- g. Fui proibida pela freira de visitar a tribo Minki (nenhuma justificativa muito clara, sinto que é por moralismo e paternalismo exacerbado por parte dela)
- h. Apesar da proibição, devido à difícil situação em que vivia a aldeia Minki – surto de gripe – fui encaminhada para lá. Três pessoas assumiram a minha ida: dois dirigentes da OPAN (Rosa e Ivar) e a indigenista Ângela que mora na aldeia.
- i. Noite passada na casa de trânsito, ao ar livre. Tento dormir em minha rede até as 3 da madrugada, quando sairíamos para a viagem. Primeiro, alguns índios vieram conversar comigo, um deles, Xavante, fez um puta discurso sobre a FUNAI e se foi. Segundo, eles voltaram e começou uma grande movimentação. O xavante estava muito bêbado. Ele era candidato a deputado estadual. Passa a falar vários palavrões em português, entra na casa das mulheres índias, mijá, ameaça vir para cima de mim e ainda antes de dormir pede para os índios “sentarem”, e totalmente excitado fala muitas vezes: “Viadão”. Terceiro, Antonio, um índio parece meio bêbado arma sua rede coladinha na minha e se aproxima bem mesmo: “Agora a senhora vai contar história para mim”. Conteí de longe. Quarto, quando fechei os olhos tranquilamente, esquecendo a bagunça e a fome, já era hora de sair.
- j. O Padre Arlindo na direção, três índios, três índias, quatro bebês e eu. Aperto. Frio. O que é estar sentada ao lado de uma índia senhora. O aperto é bastante grande, eu fico muito incomodada, me mexendo a todo instante, tentando melhorar a posição. Ela ao contrário, tem seu corpo em completo repouso ao meu lado. Estamos bem apertadas mas ela não liga. Está completamente relaxada. Tento durante toda a viagem apreender esta presença cósmica. Aos poucos consegui me ajeitar e sentir passivamente um corpo grudado no outro, e pude “viajar” como provavelmente ela faz, mas ainda muito além do que eu posso.

- k. Passagem pela aldeia do Paredão que tem apenas 4 ou 5 casinhas muito próximas da estrada. Todos os Parecis desta aldeia falam português e compram mantimentos.
- l. Visita a aldeia Irantxe do rio Sacre. Eles vivem no limite da reserva, em contato bastante freqüente com os “brancos”, mas não querem se afastar do rio. Maravilhoso com um salto de 40 metros de altura, guarda mistérios e está ligado aos ritos de passagem dos indígenas da área. Eles tem uma pequena igreja na aldeia e uma mulher, D. Ivone, mora lá, exercendo as funções de enfermeira.
- m. Aldeia do Cravari – índios Irantxe – Uma tarde eu estava apreciando o por-do-sol sossegada com um grupo de jovens índios que tinham bebezinho e casa nova. De repente, em pleno serrado mato-grossense, numa aldeia indígena escutei os badalos de um sino. Sim, eram sinos de igreja e chamavam para o início da missa. Como todos da aldeia, também fui à missa, muito chata, em nada diferente das da cidade. Ao final fui chamada a falar do meu trabalho e das minhas intenções para os índios. Eles gostaram muito. Depois disso a aproximação com as mulheres foi imediata. Trouxeram vários tipos de comida, fizeram fogo, se mudaram praticamente para a casa onde fui hospedada, que havia sido de umas freiras.
- n. Viajamos, de madrugada, eu e Padre Arlindo e Mané Irantxe e quando estava amanhecendo chegamos à aldeia Minki. Encontro com Ângela. Aldeia com Gripe. Histórias e Histórias. O Padre se foi. Conversar, acostumar-me aos novos hábitos. Estes índios quase não têm contato com a “civilização”. Tiro a blusa e me pareço mais com eles. Daí o dia-a-dia: cortar cana, buscar lenha, moer cana, tomar “xixa”, comer abóbora, falar no rádio. Estava no rio com as mulheres, lavávamos roupa. Vi um enfeite novo entre as plantas da mata: uma menina índia, com a mesma presença de uma flor. É esta presença que quero pesquisar e desenvolver: a menina índia tem seu corpo e sua mente totalmente integrados à natureza, por isso se parece a uma flor. Existe, ‘apenasmente’. Não há nenhuma ansiedade ou expectativa ou indagação ou conflito. Sua curiosidade para comigo se resolve apenas olhando, e pronto. Assim também se percebe para tomar o remédio: ninguém estica o pescoço e o queixo para

fazer qualquer coisa. Simplesmente faz, a vontade parece não estar no 'ego'. Há um equilíbrio muito grande entre eles e o 'cosmos'. Tanto que vi uma mulher alimentando uma ararinha em sua própria boca.

- o. Primeiros passos de enfermaria. Xaropes, massagens e conversas. Tentativa de colocar soro no braço de Emiú, uma índia grávida, que está bastante fraca. Não deu certo, então o marido dela passa a fazer pequenos cortes em suas costas, com uma taquarinha, pois acredita-se que a dor e a doença saem com o sangue destes pequenos cortes. Na dor de cabeça eles cortam a testa e assim vão se cortando.
- p. depois de ter sido destacada para acompanhar os índios doentes à cidade, passo o meu primeiro dia de enfermeira realmente. É duro. Tive que cuidar dos doentes enquanto era noite, às vezes o doutor vinha me ver, para saber se tudo corria bem. Quando o primeiro dia na cidade nasceu, a primeira coisa que o Vovô (o mais velho da tribo) fez, foi me buscar para ajudá-lo a fazer fogueira. Choramos juntos.
- q. chegou o avião da FUNAI, o Vovô voltou para a Tribo e eu segui com a Emiu, seu marido e seu filhinho para Cuiabá. Nos primeiros minutos de vôo Emiu pegou minha camiseta e cobriu seu rosto para não ver onde estava. Depois de uma duas horas de vôo ela se arriscou, pouco a pouco, a olhar para baixo.
- r. Em Cuiabá demoramos dois dias para encontrar um lugar para ficar e mais um até que toda a família pudesse ser reunida num quarto de hospital. O choque é cruel. Não há mais rede, não há mais fogo, há que se usar roupas, tomar banho no banheiro, mijar e cagar no banheiro. O rio é longe. Volto agora para vê-los.

A. Novamente em Mato Grosso

depois dos primeiros contatos com Brasília
e a benção do Dr. Augusto, meu protetor.
tão próximo de Fátima de São Lourenço.

E o amarelo retorna
retorna todo vigor
ressalta aos olhos curados
fulgura na verde cor

Assim erguido e altivo
este buquê do cerrado
avisa aos passageiros
que a vida deve brilhar

B. E então o coronel

do exército do oriente
saúda os quatro cantos
a natureza os elementos
e planeja o sonho realizar
do início da caça ao tesouro
de ouro e de dólar

corina até que se assanha
mas como toda mulher
- previdente intuitiva –
avisa ao homem que ama
dos riscos da perdição

Cachaça mulher e cana
destroem qualquer tesouro

Cabra mateiro sabido
de tão humilde e estudado
deixou bem quieto seu bico
pra o amigo não amolar

Sabia que algum dia
ele mesmo ouviria
de boca bem respeitada
uns conseio exemprá

Assim partiram os três
o coroné desconfiado
a muié bem avisada
e o cúmplice no seu lugar

Vamos vê se essa história

acabam com qualquer sonho
e o homem fica a vagar

um dia vai continuá
por minha letra ou de outro
o importante é relató

O cúmplice está mais tranqüilo
pois de garimpo ele entende
e o contato com o ouro
não é coisa de se estranhar

C. Mato Grosso, 25/06/86

Vi uma mulher
maga vidente
com a esquerda negra
e a destra branco neve
se equilibrando sobre a corda bamba.

Entra em cena como Tirésias
recebe mensagens por telepatia
se dirige ao lado oposto à alta e grande luz prateada
mentora, divinizada
e transforma radicalmente
a vida daquela gente.

Isto é Brasil:

Mais do que a gente pensa.

Versão “Mui Original”
do Pecado Original

Por que o fruto era vermelho?

Por que a maçã?

Por que a mulher teve a primazia da consciência?

O homem reprime a mulher por vingança, por sentimento de inferioridade, por medo do desconhecido.

Senão, vejamos a história da maçã:

“Adão e Eva sempre andavam juntos, livre e iguais. Sem nenhum ressentimento caminhavam por aí.

Mas certo dia na mata encontraram a macieira.

Não se sabe por que diabos Adão teve medo da fruta tão vermelha e atraente. Será que foi a serpente?

Aí, surgiu a primeira disputa da qual, sem querer, Eva saiu vencedora.

Ela cometeu o “pecado” de não temer a serpente. Sua coragem e sabedoria se tornaram aparentes.

Neste exato momento surge a diferença entre os sexos.

Enquanto Eva, inocente, porém já meio alterada, saboreia a doce fruta, degustando atentamente, Adão muito admirado percebe que há diferenças entre os dois seres primeiros. Ela enfrentou a fera, domou-a mui certamente e pode agora abusar deste poder sobre ele. ‘Pra que isso não aconteça vou provar que tenho força.’ Pensou Adão altaneiro.

E como podemos ver, desde remotos tempos, estes dois representantes desta tal de humanidade, fizeram rolar a semente, para o mundo ocidental, que cresce como erva daninha, a separar toda a gente.

Será que enquanto comia Eva já planejava provocar o seu irmão? Ela bem que poderia ter sido a detonadora do abuso do poder.

Mas meu íntimo é mais forte e vence a imaginação.

“Enquanto eu recriava a árvore da perdição com a maçã pendurada, dançando à sua volta revivi esta emoção.

Me tornei Eva primeira e aqui venho esclarecer que a intuição foi a mestra de toda a situação.

Eva, isenta de tudo, olhava praquela árvore e sua fruta atraente. Nisto surgiu a serpente que nem sequer a assustou. Era apenas uma amiga, que como todos os outros bichos, se comunicou com ela.

Sua mensagem era clara: desfrute da macieira.

E uma dança conjunta encetaram para Adão que nem sequer se tocou que ali não imperava a razão.

Eva então se deliciou com o paladar e aroma da nova alimentação.

Mas Adão foi despertado. Ou foi Eva que acordou? Só sei que a tal “consciência” assaltou os corações e transformou em vilões seres tão angelicais.

Como a diferença era interna tiveram que encontrar uma outra mais visível para o território demarcar.

Lentamente perceberam que ali por onde os dois se uniam e se integravam aos céus, desmachando a ainda tênue linha que os corpos apartava; exatamente o ali foi que se rompeu.

E envergonhados por terem quebrado o encanto precioso, se cobriram cada qual com a folha de uma árvore, cujo sumo preparado, bebido em pequenas porções, faz o encantamento voltar, para que os dois não se esqueçam que o que há que se buscar é a recuperação do estado primordial.

Não tenha medo de nada.”

1. Fui para Fontanilhas, ao norte do Mato Grosso, cidade que fica à margem esquerda do Rio Juruena. Do outro lado do rio estão as aldeias Rikbaktsa. Depois de ter mandado várias cartas, ter conversado pelo rádio e até pessoalmente com os índios (também conhecidos como Canoeiros), fui até lá pessoalmente para ver se conseguia entrar na área.
2. Dia 29/08/86, Fontanilhas – Por que será que eu estou “pequena”? Por medo de fazer o espetáculo que eu propus aos índios? Ou por me sentir sem objetivo, assim só na espera? Ou ainda por pura ansiedade. Fui ingênua e medrosa ontem à noite, respondi perguntas demais praquela espião. Um imbecil dizendo que trabalhava para a INTERMAT e que era amigo de pessoas respeitadas de São Paulo, Rinaldo Arruda e Carmem Junqueira, antropólogos, se aproximou de mim com dois objetivos: o de me cantar e o de investigar sobre a situação dos índios. Você se sentiu invadida e usada como ser e desejada como fêmea, não foi? É, teu ser superior ainda está muito escondido. Esta situação é tão pequena e o pavor te tomou por inteiro. Não dormistes, não relaxastes e aí pintou a insegurança. Só o canivete aberto, pronto pra qualquer defesa te sossegou um pouquinho. Nem a dança, o rio Juruena, os pássaros, as crianças, as fotos, te tomam de alegria nesta hora escura.

A ave pernalta, branca e criança, pousou um pouco, te viu e fez um lindo vôo circular.
O perfume da flor amarela te envolve.

O vento sopra sussurrando. A água canta. Os pássaros piam. Tudo balança bem devagar. Acalma teu cio. Refresca-te na brisa. Molha teu pé e põe a camisa.

Ouço o roçar das folhas e a água a rolar. O vento sopra mais forte. É o fim da tarde a nublar.

Parece que desafio a chuva que quer cair. Visto a camisa e volto a mirar o lindo céu que vem me inspirar.

Da inanição passei a criação e o novo tempo quero honrar.

O vento leva todo o desânimo, enfrento a luz com olhos atentos que se preenchem de verde esperança em chama suave sempre a brilhar.

Gemo, soluço, ranjo meus dentes; é a alegria deste acordar. Quanto prazer, quanta faísca. Me sinto cheia de um forte fluído que se irradia sem me apagar.

Encontro a branca ave pernalta e para a escrita só para lhe ver.

Lá vai Raimundo e sua mulher para a primeira Aldeia Rikbaktsa; chega o pastor adventista acompanhado do garotinho. A branca ave continua lá. Parece que busca seu alimento, na beira do rio fixa o olhar.

Este é o meu tempo. Estes ventos me alimentam. Estes trovões me acordam. A visão dos índios me inspira. Me equiparo à Natureza, em sua força transformadora. Da pasmaceira de ainda há pouco... O vento voa, o rio está bravo, corre um aviso novo no ar.

3. 30/08/86 – Fontanilhas. São duas as provas agora: Reencontrar o Fausto e me preparar para o espetáculo.

O título será: Dança da Conquista. Só tenho um meio de conquistar a confiança dos “canoeiros” – dançar para eles.

Hoje à tarde fiquei selecionando as três músicas do espetáculo e dançando um pouco: China, Egberto e Hermeto. É como uma estréia extremamente especial. O público é formado noutra cultura. Meus signos aparecerão de forma completamente diversa (aliás, como posso ter certeza se isso não acontece sempre?). Bem, estou com aquela ansiedade e vazio pré-estréia.

Meu lençol deve virar figurino; amanhã eu vejo.

O papo com o capitão Rafael (índio Canoeiro) foi muito emocionante e a minha caminhada até lá foi digna de um touro em dia de exibição; controlada e intensa, com um descanso no meio para se reequilibrar. Capitão Rafael disse que eu esperasse até amanhã.

Voltei pelo rio, molhando minha roupa com Selma (7 anos). Nadei aliviada, emocionada, intensa, agradecida, profunda. Mais um dia para apreciar as canoas descendo o rio e eu a desejá-los.

Escolhi as músicas, dancei e fui passear. Encontrei uma indigenista e seu filho. Conversamos distantemente, respeitosa e receosa até que fomos dar um passeio. Aí ela parou e se (me)mostrou. Chorou, sorriu, falou e desabafou.

4 Aprender a viver das águas do Rio Juruena

Aprender a nadar nas águas do Rio Juruena

Aprender a ler à margem das águas do Rio Juruena

Aprender a beber das águas do Rio Juruena

Aprender a chorar ao som das águas do Rio Juruena

Aprender a cuidar dos peixes das águas do Rio Juruena

Aprender a contemplar os índios nas águas do Rio Juruena.

Aprender a fugir das cobras das águas do Rio Juruena

Aprender a voar nos barcos que passam nas águas do Rio Juruena

Aprender a sorrir das aves que pulam nas águas do Rio Juruena

Aprender a acordar nas manhãs das águas do Rio Juruena

Aprender a entoar um canto para as águas do Rio Juruena

Aprender a se purificar nas águas do Rio Juruena

Aprender a amar os raios que caem nas águas do Rio Juruena.

5. 30-31/08/86 – Fontanilhas.

Fui dormir. A certa altura da noite despertei. Acendi a vela e abri a janela. Esperei alguns poucos minutos e não o barulho, mas os faróis de um carro surgiram. Era ele e mais alguns índios. Dormimos sob as estrelas sobre a carroceria do caminhão da FUNAI. Mais tarde voltei para minha cama.

6. 31/08/86 – A menina lixa os pés na pedra do Rio Juruena.

Na outra margem a índia enrola o anzol, puxa a linha, segura a linha, dá volta no corpo, pesca. Ela dança e nem sabe. Ou sou eu que nem sei?

“As muié” tão banhando.

O sol daqui se parece ao do Japão. Vi numa foto.

7. Creio que de tanto conviverem com o Juruena, os Rikbaktsa se tornaram peixinhos, escorregadios como eles.

Já escrevi duas cartas, já mandei vários recados, já conversamos por rádio. Finalmente vim pessoalmente à cidade mais próxima, Fontanilhas, para resolver a minha ida (Creio que este é um repeteco, não?)

Até agora conversei com Nicolau, Vitor e mais dois índios; Capitão Rafael; Albano, além da Lu e do Fausto (brancos).

A primeira “comissão” me disse que como eu cheguei de surpresa não daria para eu entrar na área, apesar de ter sido convidada pelo Nicolau em maio passado. Naquela época era diferente.

Eu me ofereci para fazer o espetáculo para eles, já que eu ficaria por aqui mais alguns dias esperando o Rinaldo e tentando mais um pouco.

O capitão Albano me disse que na opinião dele, na época das festas eu voltaria, até para seis meses.

O domingo se passou e ninguém me respondeu sobre o espetáculo. A estréia acabou sendo frustrada. Mas, a FUNAI chegou na área para tratar do surto de tuberculose e os Canoeiros ficaram atônitos cuidando disso.

Continuo na espera.

8. Pequenas observações feitas a partir da margem de cá do Juruena.

- os Canoeiros vivem em contato diário com o povoado de Fontanilhas; vendem peixe ou caça, bebem, jogam sinuca e compram alguns mantimentos.
- às vezes são atendidos por Antonina, a enfermeira da cidade.
- Antonina ganha iscas dos índios para suas pescarias solitárias.
- Antonina foi enfermeira da aldeia e lá se apaixonou pelo índio Isidoro. Na época ela era freira e o Isidoro era o índio criado pelas freiras, então não era tão “repugnante” aos olhos das freirinhas como todo o resto do povo. Ela se apaixonou pelo jovem e a ordem deu um jeitinho para que ela saísse da área. Ela saiu mesmo, foi para Fontanilhas e lá se casou com outro homem. Ele também bebe muito.
- o pessoal da cidade convive tranquilamente com os índios.
- os Canoeiros pescam todos os dias: mulher, homem e criança.
- eles estão buscando sua auto-determinação.
- eles têm uma situação privilegiada dentro dos mecanismos da FUNAI: conseguem dinheiro suficiente para a gasolina de suas três ou quatro voadeiras (barcos a motor) e uma lancha.
- Eles contam com 3 ou 4 rádios.
- estão divididos em cinco ou seis aldeamentos mais importantes: a do Barranco Vermelho (30min. Juruena acima); a Primeira; a da Curva e a Segunda (5 a 15min. Juruena abaixo), e a mais distante (uns 30km aproximadamente), a Aldeia Nova, onde se encontram os índios mais tradicionais.
- suas decisões são tomadas por uma “comissão” que é formada pelos capitães de cada aldeia. Eles se reúnem periodicamente e todos tem que opinar sobre o assunto e concordar. Por exemplo: a minha carta pedindo para visitá-los chega numa ocasião para um dos capitães. De alguma forma, pelo boca a boca, os outros já ficam sabendo que a carta chegou. Quando surgir a ocasião apropriada para todos, eles se encontram numa determinada aldeia. Lá conversam sobre o assunto e voltam para suas vidas normais. Lá cada capitão observa a opinião de seu povo sobre o assunto.

Isto pode levar meses. Nova reunião será marcada. Cada um leva a opinião de sua aldeia. E se não houver concordância deixa-se tudo para um outro dia.

9. 3 ou 4 de Setembro de 1986

Fui acordada no meio da noite para ter uma conversa franca e direta com o Isidoro. Ele é um dos índios que mais conhecem o jeito do branco e traz na sua alma e no seu jeito todo o povo Rikbaktsa.

De toda a linda, nobre e profunda conversa que tive com o Isidoro restou a surpresa, bastante desagradável. A indigenista Lu com todos os seus conflitos e insegurança colocou empecilhos velados à minha entrada em área. Mas só tenho que observar o movimento que minhas ações desencadeiam e recriar novos movimentos.

10. Resumindo:

- os Rikbaktsa estão enfrentando vários problemas e este não é o momento oportuno para eu ir até a área.
- Tenho o apoio da maioria dos líderes que pretendem defender a minha entrada em área, em outubro, talvez.
- Minha missão foi cumprida: me colocar como irmã dos Rikbaktsa e mostrar para eles minhas intenções artísticas e humanas.
- No atual momento todos os líderes estão preocupados com a retomada de um antigo território que havia sido perdido para os fazendeiros, o Japuira.
- Há um ano, mais ou menos, eles entraram em luta com fazendeiros que invadiram seu território. Houve sangue e morte indígena. E muita tristeza, pois, na época, a “justiça” deu ganho de causa aos brancos.

Durante todo este tempo eles levaram à cabo várias ações, junto aos poderes “competentes”, e mesmo junto aos fazendeiros, no sentido da retomada das terras.

Neste momento, o governo acabou de se comprometer a devolver o Japuira aos Rikbaktsa. O território será re-demarcado, e, segundo se espera, o fazendeiro sairá da terra sem nenhum atrito.

- O grupo esteve e ainda está bastante abalado por causa da perda das terras. Foi uma derrota bastante doída. É justificável que agora todas as suas forças estejam voltadas para isso, pois as terras, de fato, ainda não estão sob seu comando e eles devem traçar toda a estratégia de reocupação.

- Outro fator, menos influente, mas de alteração da vida tribária, é o pequeno surto de tuberculose e a entrada em área de cinco técnicos de saúde da FUNAI para sanar o problema.
- Um problema de ordem pessoal dos índios: Tapema, um índio bastante influente e respeitado, um dos mais velhos da tribo, fugiu da casa do índio de Vilhena, onde estava fazendo tratamento de saúde, e, provavelmente, está a caminho, nos 400 kms, rumo a aldeia, e com suspeita de câncer no pé.
- Finalmente: a Luiza está bastante insegura pela minha entrada em área. Tem medo de perder o marido. Eles são “brancos”. Só nós lidamos com base nas fantasias e fantasmas que criamos.
- Por tudo isso, pelos Canoeiros, pelo Rinaldo (antropólogo que estuda o grupo há um ano), pelo Fausto (dos olhos límpidos), pelo Isidoro, nobre líder Rikbaktsa que me “acordou” no meio da noite para dar uma explicação e seu apoio, pelo Teatro, por um ideal de paz e transformação, pelo tempo de espera, agradeço a nova lua que se mostra amanhã e parto para outro ponto. Vilhena.

11. 07/Setembro/86

À Nação Rikbaktsa

Aos companheiros Nicolau, Isidoro, Rafael, Roque, Albano

A todos vocês, meus irmãos

Todos estes dias que fiquei aqui em Fontanilhas me permitiram estar um pouco mais perto de vocês, povo amigo.

Todos estes dias brinquei, cantei, nadei, banhei no Rio Juruena e o meu coração foi ficando mais cheio de alegria.

Neste mesmo Rio Juruena vi passar todos os dias canoas e voadeiras carregando gente pro Barranco Vermelho, para Beira, pra Aldeia Nova.

Alguns Canoeiros já me conhecem e acenam quando passam pelo Rio e me vêem. Outras vezes converso aqui no Hotel mesmo, ou no portinho.

Eu sempre fiquei do lado de cá do Rio Juruena, mas todos os dias, como nesta hora, o meu coração e o meu pensamento voam pra outra margem do Rio. Eles vão se encontrar com vocês, irmãos Rikbaktsa.

O meu sentimento vai para os meus olhos que encontram as águas correntes do Rio Juruena. Nestas águas o meu sentimento vai balançando e tocando devagarinho cada gente que encontra no caminho.

Gosto bastante de todos vocês e espero poder mostrar a minha dança e o meu teatro. Assim farei meu agradecimento por poder conviver com a nação Rikbaktsa, com as forças de toda a sua gente, junto com todas as plantas, o sol, o céu, a terra, as chuvas e os animais.

Quando der o começo do mês de outubro eu vou tentar me comunicar com vocês pelo rádio para saber se posso vir aqui passar alguns dias com a sua gente.

Neste tempo que eu ficar com vocês eu quero aprender bastante. Para mim, toda a vida, tudo o que aconteceu no mundo, é um ensino. E o ensino do índio é muito mais valioso que o ensino do branco. O coração do branco está muito duro, cheio de pensamentos ruins, quase não enxerga mais a vida. Só vê dinheiro e ambição. Este ensino não presta pra quem quer aprender a trazer a paz para todos os homens.

Eu aprendi também coisas boas que, se vocês quiserem, eu posso ensinar.

A gente pode trocar: vocês ficam sendo meus professores e eu posso dançar, fazer teatro e também, cantar, e ser professora até.

Enquanto eu estiver do lado de cá do Juruena eu poderei ajudar vocês também. Eu vou para Brasília no dia 26 de Setembro, se vocês precisarem de alguma coisa deixem recado com o Fernandes, que eu pego.

Até breve, amigos.

Serei sempre uma amiga para todo o povo Rikbaktsa, não se esqueçam.

Julia

12. “8/Setembro/86”

Estrada Fontanilhas/Juína – 2ª feira – 7:30min.

Realmente o Coronel Junqueira tem um pacto com o diabo.

Acabo de passar numa das entradas principais da Fazenda Santo Inácio, Propriedade – Irmãos Junqueira.

Um bando de 60 animais guardam o portão de entrada.

São GAVIÕES.

Um grupo deles já quis me dar a dica, a título de recepção, um pouco antes, mas eu estava distraída.

13. Os dez dias de espera foram longos e penetrantes. Talvez tenha apreendido mais do que saiba agora sobre os Canoeiros.

13/Setembro/86

Ganhei um filhotinho de gavião de um pequeno Hahaintesu.

Sonhei que o filhote havia crescido e me confundia com sua mãe.

Vivia empoleirado em meu punho, com o bico bem perto do peito, como se fosse mamar.

Ele era branco, de altura uns 50, de carne firme e pele transparente. Me olhava fundo, dentro dos meus olhos. Nos comunicávamos bem internamente.

Tudo à minha volta ficava meio turvo, como se uma lente ofuscasse tudo.

Seu brilho era tão forte que até parecia que havia uma corrente que ligava a gente.

Tanto fui amando este grande pássaro que de um pequeno salto de exibição ele voltou outro. Era uma criança, de uns 70 agora, toda peladinha, me chamando mãe.

Continuei amando este ser mutante e apresentando a toda família.

Levei para casa

Fui direto ao banho

e bem abraçados

lhe lavei todinho.

Um ou outro entrava

achava um pouco estranho

aquela amor tão puro

mas dava um sorriso

e com compreensão

nos deixava a sós.

Eu lavei seu rosto

toda suas costas
os braços e as pernas
a barriga e o pinto.

Pra pegar seu sexo
primeiro hesitei
com o trauma antigo
do amor católico.

Depois que senti
tudo mais profundo
sua barriga na minha
sua boca no meu peito
água entre a gente
leite alimentando
peguei seu pintinho
com firmeza e amor
medi seu tamanho
e mexi na pele,
dizem que é bom
exercitar bastante
assim ele crescerá
firme e sadio.

Logo fomos juntos
a um bom passeio
dormimos na sacada
de uma grande sala.

Acordei cedinho
lhe peguei no colo
dobrei aquela coberta

que cobria o chão
e foi chegando gente
que eu não via há tempos
ninguém muito íntimo
só mesmo conhecido.

Haveria um encontro
um tipo de congresso
que discutiria
todos os fatores
que levam o povo indígena
a negar o gado
fonte de alimento
tão primordial pro civilizado.

Pra este encontro vinham
jovens jornalistas
de um bem conhecido
jornal paulistano.

Iam se achegando
se cumprimentando
e mui respeitosos
até carinhosos
me saudavam amigos.

De repente vi
dentre todos eles
um amigo antigo
que pinta quadrinhos
Clémen: gritei eu surpresa
Ele não me ouviu

Fui mais perto dele
e me apresentei.

Nos reconhecemos
nos olhamos inteiros
e aos poucos fomos
procurando um jeito
de guardar bem forte
o encontro inesperado.

“Una palabra”, dizia eu
“Esta palabra”, dizia ele
“Passion”, “Comocion”,
“Emocion”, dicimos los dos.

Nos abraçamos sim
E eu lhe disse assim:
Esta noite vamos cumprir o prometido
Dormiremos juntos pra fazer amor.
Não me envergonho
de te capturar
porque sei de mim
do que quero e faço.
Sou mulher inteira
gosto de me dar
pra selar amores
deixar marca forte
em quem gosto assim.

Meu menino junto
era mais que filho
era um grande irmão

partilhando tudo.

Quando eu acordei
fui buscar o filhote
Lá ele não estava
tinha se esvaído.

Procurei pouquinho
pra não desmanchar
o encantamento
tão sublime e vivo.

Relatando:

Depois de três dias de espera e desorganização, acabamos saindo para a aldeia Hahaintesu, grupo Nambikwara, na tarde de 11 de Setembro.

Viagem longa com uma primeira parada na Aldeia do Capitão Pedro, onde há uma moça “presa”, para a festa daqui a um mês.

Por volta da 1 hora da madrugada chegamos à aldeia Manairisu. Vim dormindo sobre o chão de uma camioneta encostada num saco de arroz. Às vezes batia duro. Eu e o índio Cinta-Larga chegamos inteiros sim.

Primeiro despertar na aldeia, sons de vozes, língua diferente, crianças, homens. Todos à minha espera.

Fiquei na casa do chefe de posto. Logo pela manhã a camioneta seguiria viagem para outra aldeia e alguns índios aproveitaram a carona para irem pescar no rio Guaporé, distante uns 10 kms e outros foram para Araputanga, nova aldeia em construção.

Eles não podiam me levar; descobri mais tarde que era porque eles iam trazer uma mulher que tinha transado com outro índio, fora do casamento, e ele estava aqui. Tudo foi combinado entre amigos.

Comecei a me mexer. Fui visitar as casinhas que aqui são de madeira com teto de zinco, porta e cadeado (mas nada funciona para fechar). Dentro, um grande estrado de madeira e uma tira de terra onde há o fogo permanente. Pertences? Nenhum. A maloca está praticamente vazia. Só uma panela, o que se come naquela hora, fogo, lenha e 1 xiri (balaio trançado de palha) e as flechas. Eles vivem na maioria nus e se estão em casa fazem flecha ou comida e colar senão dormem ou brincam.

Na casa dos mais jovens há um pouco mais de coisas: cobertores, estrados/cama e uma ou outra peça de roupa.

Caminhei por uma trilha, encontrei uma crianças e uma mulher se banhando numa poça (aqui não tem rio). Depois, uma grande área queimada onde será feita a roça e cheguei num “acampamento” com três malocas de palha. Agachei-me e entrei numa delas. Lá estavam Jacutinga, Antonio, Arusa e as crianças. Os dois homens foram aos poucos se aproximando, se tocando mais, especialmente, Jacutinga, que quase não vê, e riam muito.

Era estranho e ao mesmo tempo puro: Arusa, com o semblante límpido, olhava os dois homens a brincar, um deles seu irmão outro seu marido. Eles se aproximavam e brincavam com seus corpos sem se importar se alguém os via: uma branca, seus filhos ou a esposa. Uma das crianças tentava afastá-los mas eles riam e mexiam cada um em seu próprio pinto.

Ganhei cana, chupei e fui chamada de cabaça dura porque não entendia o estranho português emitido por eles: e não sabia tirar a casca da cana como eles.

Brinquei com as crianças, comi frutinhas, corri engraçado, comemos amora e tomamos banho na represa.

Chegou a noite, a lua brilhava muito, jantei com a enfermeira Edmir.

No outro dia sentei na casa de Julia e Papai-Grande. Ele me contou histórias de filhos e mulher, pelo que eu senti.

Voltando para o caminho da roça duas mulheres (Julia e Macho) estavam indo pra dentro da mata queimada. Na beirada elas ficaram conversando comigo e quiseram me colocar namorando o menino que vinha descendo. Ele chegou, pegou firme no meu braço, e eu me livre com um puxão. Todos riem. Ele se vai. Elas me indicam o caminho. Eu sigo em frente e elas pra dentro da mata. Mais à frente eu paro para observá-las. De longe elas continuam a me indicar o caminho. Macho pensa que eu não entendi e larga seu xiri, deixa Julia e vem ao meu encontro. Depois de andar uns 200 metros ela chega e me abraça e assim cada uma com a mão no ombro da outra caminhamos até a roça e suas malocas. E ela nunca tinha me visto. E nem eu a ela.

Lá acima conversamos um pouco, 10 minutos no máximo, e voltamos ainda abraçadas. Vou com ela até seu xiri e a ajudo a pegar lenha e encaixar no xiri. É muito pesado. Julia também vem vindo e carrega além do xiri uma pequena tora que eu pego para ajudar. No caminho de volta ainda pego mais um toco e chegamos às malocas.

Elas carregam tanto peso e mantêm a conversa e o passeio na maior leveza.

Soube de uma história: Julia (50 anos?), Macho (45) e mais outras três mulheres resolveram fazer um passeio. Ao voltarem, depois de sete dias, Papai-Grande, marido de Julia, estava furioso por ela não ter dito nada. Bateu duro nela. Ela chorou muito e saiu chorando pela aldeia. Ele veio mansamente, abraçou-a, encostou-a em seu ombro carinhosamente, no caminho pegaram o filhinho e voltaram para casa. Ela ainda

ficou “presa” por um dia, ele foi andar no mato. Ela quase não se afastava de casa. Só quando ele voltou, no dia seguinte, tudo voltou ao normal.

Íamos visitar a roça, dois meninos e eu. Me desviei da trilhazinha para deixar uma chave com a enfermeira do Posto. Dei sinal, de assobio, que os encontrava à frente. Notei que eles perceberam e os segui de longe. Parecia que eles tinham ido muito na frente. Mas não, eles estavam em absoluto silêncio, bem na beira do caminho, se “escondendo” de mim.

Eles ficaram tão quietinhos, pareciam dois arbustinhos sorridentes. Quando eles viram que eu os vi rimos muito os três.

Estar em absoluto silêncio para se esconder de alguém mesmo à vista desta pessoa. Este silêncio é como uma ausência voluntária e momentânea do corpo e de suas emanções. Esconder-se sem precisar prender a respiração. Esta atitude, que é mais comum e conhecida entre nós, ao contrário de trazer ausência, traz incômodo e ansiedade, sem ar nosso sistema se contrai e exala emanções alteradas. E em geral é o medo que nos impõe esta atitude portanto o controle é bem menor.

15. Setembro de 1986

Parece que o Império dos Sentidos chega até aqui, ou parte daqui, sei lá.

Segundo os estudos orientais de fisiogonia, realizados há mais de 2.100 anos atrás, todos os homens superiores, de mente superior, tiveram, ou têm, nariz afilado.

Os índios Nambikwara têm o nariz muito largo e bem achatado com narinas bem grandes e espalhadas para os lados. Vivem sempre em contato com a terra e as cinzas. Sua pele vive untada nesta cor acinzentada, preta ou marrom. Vivem nus, na maioria e se pegando sempre uns nos outros.

São crianças que servem de encosto para outras crianças, ou homens que servem de encosto para outros homens; mulheres limpando o nariz da irmã; mãe acariciando o pintinho da criança pequena que mama em seu peito; mãe ensinando a criancinha pequena a pegar no pinto da criança maior; criança brincando de pegar no pinto do homem que está dançando; criança dormindo com a mão no pinto do pai ou na teta da mãe; pum fedido em comunhão; xiriri pra cá, xiriri pra lá; Jacutinga, quase cego, pelado deitado no chão da casa do Chefe de Posto a me “observar”; mão no saco e no nariz pra cheirar; mão na sujeira e no nariz também.

Não posso negar que eu me incomodo em observar tudo isso. Por observar como se fosse um desvio meu. Mas não, o que há, e muito forte, é o preconceito pregado nas minhas entranhas. Sinto que no fundo ainda não os aceito totalmente. Parece que pela primeira vez eu os admito como “primitivos”; e até agora eu os achei superiores. E eles realmente o são: podem viver tudo isso, todos os sentidos, sem nenhuma barreira e eu não. E nós, não.

Quanto não gostaríamos de colocar o dedo no nariz até nos satisfazermos, sem culpa, sem esconder. Quanto não gostaríamos de nos encostarmos uns nos outros, sem malícia, sem medo. Quanto não gostaríamos de descobrir o sexo do outro e brincar livremente com isso. Quantas mães não se reprimem ou se escondem ao tocarem o sexo de seus filhos e quanto não reprimem seus filhos que gostam de brincar nas suas tetas?

Pois é, até sinto aquela velha dor como sinal de que algo não está bem comigo. Será a compreensão ou a repressão que “ma” traz.

Então, parece que o Papai Grande vive para seu filhinho Guilherme. Ele tem muito orgulho por ter um filho pequeno e ser o mais velho da tribo. Sei que ele é o xamã curador. Parece que ele está preparando seu filho para algo diferente. Ele não brinca com

as outras crianças, nunca o vejo falando e passa o tempo todo ao lado do pai. Isto até agora. A sensação que tenho é que ele está se plasmando ao filho e vive-versa.

Soube que certo dia a enfermeira tirou algo da mão do Guilherme. Papai Grande ia bater nela.

Jacutinga, como te captar, amigo? Um índio forte, ficou perdido anos pelas matas, fazendas e estradas. É quase cego, me acorda todas as manhãs, me trouxe duas vezes banana de presente; sempre quer saber de mim. É casado com Arusa, namora o Antonio, “mas xiriri não faz não, só amigo” e têm 3 filhos. Um é lábio-leporino.

Quase não entendo o que ele fala mas já percebi que o seu jeito é brusco e forte, porém meigo. É que ele é forte mesmo e rude, mas muito amoroso.

As crianças cantaram novamente esta noite. No finzinho o Chico também apareceu.

A lua está cheia. É tão bonita!

16 Setembro de 1986

Sinto que há algum índio me espiando mas sei que jamais terei certeza.

Eles conseguem ficar muito mais quietos que o mais quieto de nós.

Por aqui eu vivo alerta e parece que estou mais distraída do que já sou.

Jacutinga é um amor. Hoje ele não me acordou. À tarde apareceu e logo veio me chamar. Tinha passeado no mato o dia todo. Me pediu calça e camiseta vermelhos, anzol grande e anzol pequeno, linha de pescar, lima e pente. Creio que não poderei mandar tudo pois tem que ser em quantidade, para todos.

Pela manhã visitei a maloca do Catorzo. Lá não estava nem ele e nem a Carolita, sua mulher, mas estavam Aneta, Seringueiro, suas esposas, Antonio, Pedro e crianças.

Pedro não dizia nada mas olhava firme para o Aneta que primeiro, mostrou seus pertences roubados de algum “civilizado”, depois foi a um cantinho da maloca, subiu na “cama” (estrado), pegou uma chavezinha, abriu uma mala, bem nova e tirou um pacote de fumo; fechou tudo direitinho; pegou um isqueiro escondido por baixo da mala e escondeu a chave de novo.

Pedro que estava deitado no chão e coberto com um cobertor de lã, olhava firme enquanto Aneta cantava.

Ao mesmo tempo uma menina trepada no alto da maloca jogava bananas para baixo. Era a mulher de Aneta (12 anos?).

Seringueiro às vezes falava comigo, eu quase não o entendia ou nem o ouvia. Sua mulher deitada ao lado dele se “adivertia” (como diz a enfermeira Edimê) com o bebê que estava grudado em suas tetas. Seringueiro disse da preguiça de caçar.

Antonio deitado ao meu lado ouvia, se coçava e se espreguiçava. Aneta foi fumar deitado no chão com a mulher. Cansei e saí.

Encontrei Julia à noite. Nos abraçamos. Ela me falou do passeio com as outras mulheres, do Papai Grande bravo batendo, de filhos, do Waçuçu, dos balaios. Nós ríamos muito.

Acabei de dançar – 40 minutos aproximadamente. Aproveitei os índios escondidos e eles me assistiram junto com a lua quase cheia e a chama de uma vela. Foi bom, foi leve, foi total. Butoh novamente.

Silêncio tão querido

Não quero te quebrar
Ouço passos, ouço grilos
E um Zumbido no Ar.

17 Setembro de 1986

Ontem esqueci de comentar sobre a minha dança e o pé do índio Arenka, filho de Jacutinga, meu namorado daqui.

Nós ficamos olhando um livro de índios enquanto lá fora chovia e alguns se banhavam.

Nós ficamos bem pertinho vendo página por página do livro e de repente o seu pezinho tocou o meu e ficou repousando ali. Senti que o tônus dele é diferente do meu. Me recordei da minha primeira estada numa aldeia. Todo o meu corpo se relembrou do estado alerta/relaxado do índio.

É como um torpor, mas não preguiçoso, e sim aberto e receptivo.

Corre uma energia pelo corpo todo e toda onda te pega e você a pega. É um mole-molengo energético. Já sei, não há medo, não há expectativa, não há futuro, não há eu.

Dançando eu consigo este estado, mas ainda não me relaxo totalmente no dia-a-dia.

E o pequenito Nambikwara me ensinou a viver um pouco mais
sadiamente
sabiamente.

Sinto claramente um estender da força da minha mão quando estou dançando. É como se eu captasse uma onda, uma massa de energia, e lhe moldasse, segundo um acordo mútuo, no qual eu interfiro menos.

Ao terminar é difícil desligar-me desta energia, ou melhor, é lento.

Mas é tão plena!

Parece que realmente estou desenvolvendo uma espécie de Butoh. O que Kazuo Ohno acharia disso?

Hoje Jacutinga me acordou cedinho. Conversou na língua dele, segurando minha mão. Quando lhe disse que ia voltar a dormir, beijou minha mão pela primeira vez. Eu ri. Falei novamente. Ele me beijou. Falei: “Vou dormir”. Ele me beijou novamente a mão e fortemente. Eu via minha mão solta branquinha indo e voltando presa em sua forte mão escura.

Ele pediu minha cabeça para me beijar. Ofereci o crânio, ele beijou. Sentei-me numa cadeira sob a janela e ele ficou alisando meus cabelos ou apertando meu ombro, do lado de fora da casa.

De repente disse: “Ta bom.” Fechou a janela pelo lado de fora, foi-se embora e eu fiquei ali a pensar no escuro.

À tarde fiz fotos e Bibi apertou meu braço. Creio que queria fazer xiriri comigo. Aqui á assim mesmo. Ta tudo bom.

19 de Setembro de 1986

Densa propulsão
em círculos me envolve
aviva tudo em volta
convida à eterna festa
da deusa musa irmã
em sua fase plena
em seu dia inicial
no mês da estação da flor.

Indecente

Indeciso

Inofensivo

Inocente

Caminha o pobre Jorge
Que matou um homem sábio.

5 de outubro de 1986

Mingüei mais que a lua
Tantos ritos
tantos fatos
Amor, dor
sexo, morte.
Tudo passou.

Voltando:

Dia 18 de Setembro fui à aldeia de Araputanga. Banhei no rio e fiquei mais amiga do Bibi, íamos para cima e pra baixo, mais o Nemo e o Aneta.

Visitamos a casa do famoso Jorge, um índio que há um ano matou um outro índio, o Etreka, muito querido e sábio.

A casa fica isolada e lá moram mais três famílias. Aioku é o grande companheiro do Bibi, ficaram tão contentes ao se encontrarem! Pareciam duas crianças. Brigavam de

brincadeira, pegavam um no pinto do outro e imitavam pra mim o jeito do outro. Aioku tem um filho que eu considero o mais lindo índio que vi até hoje. Olhos profundos, talvez pelo exílio prematuro, corpo pleno, mulher, dois filhos, e creio que ele tem 16 anos.

O cristianismo deformou nossos corpos!

Complexos, pecados, vergonhas de séculos nos atrofiaram, nos tensionaram. Será que conseguirei me livrar disso tudo? Será que estas “técnicas” serão realmente apreendidas e aparecerão no palco? Minha liberdade! Depois de tanto lutar para aparecer, ela tem que se esconder para não atrair olhares, ações e pensamentos doentios e deformados.

E como os meus “canais” sensíveis foram se abrindo ao longo desta caminhada, me torno presa fácil, exposta a todas as magias.

Comemos bastante mandioca assada. Eu adorei.

Este grupo de índios não é aceito por nenhum grupo Nambikwara porque eles estavam próximos do Jorge, quando este matou Etreka.

Vislumbrei num rio
Realizo noutro
Um projeto antigo
Um projeto novo

Já estou a frente
deste nosso mês
Olho e vejo fora
um Mês adiante.

20 de Novembro
sobre o Juruena
um barco de índios
da tribo canoeiro

Balanço das águas
a me arrepiar
e o soprar do vento
sempre a me inspirar.

Umás tantas gotas
de água cristalina
banham minhas letras
benzem meu projeto.

Aqui deste ônibus
avisto queimadas
que me trazem cheiro
da mata intacta
Margiando um rio
cheio de aventuras
de branco, de índio

de vida, de morte.

Todos estes peixes
a me arrodar
sinto-me importante
sento a admirar.

Meus olhos se enchem
de emoção profunda
que através do céu
me penetra o cio.

Incho-me de Deus,
de amor nativo
sinto-me a América
a pulsar bravia.

Luz do sol intensa
de um vermelho chino
faz brotar mais verde
pra essa mata viva.

Banhe-a, preserve-a
deixe-a demonstrar
para a Humanidade
o que seríamos SE...

Julia Pascale

10 de Outubro de 1986

Tenho raiva de mim
Não consigo abstrair
os mosquitos que estão por aqui.

Mesmo tendo dentro de mim
o som deste rio a bater
não consigo esquecer este estado de choque.

Sinto-me apartada
do instante mágico
quase que deságua
me abandono e traio.

Há algo aqui dentro
que me faz careta
tenta o desespero
aposta em explodir.

Ando meio torta
toda injuriada
Tudo é muito forte
e nem parece em mim!

Curas, pajelanças
fogo, água e raios
cortam-me-transpassam
e eu neste abandono.

14 de Outubro de 1986

Sentada aqui na beira da BR

sinto-me distraída, louca.

Vejo como me vêem

Estranho, crítico sim

mas no fundo gosto.

Vou cavando estados

provocando gente

armando loucas cenas

vibrando em emoção.

Sinto dois amigos

Sinto um povo inteiro

mais uma xará

que ventando ama

em nova expedição.

Louca aventureira

Segura tua linha

Pega neste fio

e Não desata o nó

Saiba que a verdade

está sempre adiante

não se desespere

Ame seu amor.

18 de Outubro de 1986
No pasto estava eu
Não a égua, nem a vaca
Ou as duas e mais uma
formando três fêmeas no cio.

Estas três se abriam todas
para o macho arrebatado
Lua acima terra abaixo
Nada em volta é ilusão.

Muito gado em vigília
nos olhavam arredios
Nós, com medo, com tesão
Aquietávamos nosso ar.

Em silêncio nos amamos
até o último extertor
quando o cheiro
já bem forte
mais o rouco respirar
despertou toda a manada
que ao redor se colocou.

Nos olhamos bem quietos
Matutamos: o que fazer?
dei uma passa! Para lá
caminhamos semi-nus.

Creio que quatro eram eles
mas nós dois o espantamos
E mais espantados ainda

nos vestimos pra voltar
já com o medo a retirar.

Sentados em volta do fogo
Retomamos nosso ar
que suspenso ainda andava
pelo louco anoitecer.

Toda a tribo adormecia
Nem um cachorro roncou
Nosso perfume bravio
Só o gado despertou.

Desses dias todos
Todas estas horas
Noites e Espaços
Lembro-me de atos
Gestos e Pessoas

Julia houveram duas.
Que beleza, quanto amor!
Julia Hahaintesu
Julia Negarotê
amaram
Julia Pascale
que amou
Julia Hahaintesú
Julia negarotê.
Uma dançou ciranda
A outra me agarrou
Ambas tinham na cara
um riso franco infantil
no corpo nenhum segredo
barreira ou preconceito
Apertam chacoalham
e não caem
são firmes eretas altivas.

Elas estão me ensinando
a me observar a ser
deixando-me envolver
pelo que a vida propõe.

Ficar de fora é bem fácil
fazer poesia também

a gente fica pensando
e não escapa ninguém.

Mas viver não tem limite
Não tem controle também.
Você vai se ajeitando
Respondendo sem pensar
E neste redemoinho
se forja o teu jeito de ser.

É aqui que é necessário
Olhar sem interferir
Não ter culpa não julgar
Ver, correr e aprender.

Refletir é pra depois
o ato 'errado' não repetir
Mas se caso acontecer
Não fique triste, com raiva.
Vá tentando de outro jeito
Se permita ser assim.

Nunca perca a paciência
Não tenha medo de doença
Não se sinta rejeitada
Ou tampouco depravada.

Teu sexo é agora
o teu segredo maior
seja franca e consciente
com o que o desejo criar.

Não se espante, não rejeite
este calor a vibrar
distribua-o equanimemente
e não pense que é enganar.

Um equilíbrio é possível
Entre o sexo e o espírito
Tua solidão se exercita
A viver entre amigos.

Se você conseguir
se ligar na tua estrela
é bem provável que o céu
te responda a este poema.

No céu sempre há luz
esteja nublado ou brilhante
a água também tem som
a vibração está no ar.

Junte sempre os elementos
pra tua Terra se alegrar
e deixar brotar sementes
que ao crescer vão fulgurar.

Julia Pascale

Fausto Desenho

Julia Pascale

Sim, eu o vejo
desenhando à minha frente
mas minha alma enternecida
se distancia daqui
se embala noutro mundo,
o do Som,
e nas linhas que ele está a construir.

Com o torpor me tomando
ouço a palavra peky
um tesão todo me assoma
e eu danço sem se ver
rio sem desenhar
choro no seco e silêncio
minha emoção corre rápida
e não atrapalha a vida.

Entusiasmo querido
escrevo olho vejo ouço
faço tudo e não me perco
me preencho a cada instante
fecho os olhos e escrevo
em desvio do caderno
Como se pintasse ou esculpisse
meu escrever sai tranquilo
sem se importar com o nexo
a seqüência, a lógica, a rima.

Danço com a caneta
Há uma chama lá dentro

crescendo sem me queimar
me embala pra lá pra cá
me dá vida luz repouso
fico na distração
como um pássaro a espiar
a comida a chegar.

Vivo no império dos cheiros
das linhas grandes no ar.
Fausto bem de quietinho
desenha com todo carinho
as palavras encantadas
enquanto eu vou narradora
inspirada nas tais palavras.

Creio que estou muito louca
a coçar, a rir sozinha
Estou cheia de alegria
Meu amor está aqui.
Seus olhos estão brilhantes
me ensinando que na aldeia
todos convivem em paz
uns escrevem outros olham
alguns dançam outros dormem.
Está me virando do avesso
que sempre fiquei no ar
exposta no palco ou na rua
sem saber que é iperik
sempre com um susto no ar.

A desejar ser wityk
sem poder antes traduzir.

Ser fêmea, mulher, ser terra
com o abdômen a inchar
refletir sem demonstrar
viver sem ninguém perceber.

Assim a me distrair
Chega um contato no mar
de antenas cristalinas.
Capto, mas quase não ouço
outra cara a se abrir
outro código a vibrar.
Olho em frente, pra parede
vaso o tijolo e avisto
o Maurílio a delirar.

Sua índia feminina
meia irmã daquela, Aia!
(que se parece comigo?)
sempre tensa, incomodada
buscando a paz e o luar.

Conselheiro Lauro Moreira
Divisão de Difusão Cultural
Ministério das Relações Exteriores

Estou estudando a maneira espontânea e autêntica da expressão dos atos, ritos e arte tanto dos povos indígenas brasileiros, quanto da civilização oriental, profundamente penetrada pela filosofia Zen-budista.

Creio que da vivência, estudo e observação destas expressões (através de estágios de longa duração nos locais onde se originam) poderei me chegar à essência da expressão artística, produzindo uma arte de dança-teatro original e essencialmente calcada na expressão cultural da alma brasileira.

Para tanto tenho estado em visitas de um mês, aproximadamente, às tribos indígenas do Mato Grosso e Rondônia, desde janeiro de 85.P, para apreender a questão do ponto de vista oriental, tenho freqüentado templos budistas e zen-budistas, praticado Tai Chi Chuan e Pá Guá (lutas marciais chinesas baseadas no treinamento interior); convivo com a colônia japonesa de YUba (artistas lavradores), estudo a filosofia oriental, a língua japonesa e os ideogramas chineses.

Destes primeiros passos da pesquisa surgiram dois espetáculos e oficinas de dança-teatro, dando corpo ao que nomeei de Projeto Rio Doze. A meta final deste projeto é a criação de um espetáculo brasileiro realizado por 30 atores aproximadamente, selecionados nos diversos estados brasileiros, apresentando os traços fundamentais forjadores da alma brasílica.

Para que a pesquisa se complete estou requisitando desta Divisão do Ministério das Relações Exteriores uma passagem para a China posto que sabedores do meu projeto e do desenvolvimento concreto da mesma o Governo Chinês, por um lado, e o mestre de dança-teatro Kazuo Ohno (Japão), por outro, me convidaram para um estágio no Oriente. A passagem teria que ter o seguinte roteiro; São Paulo – Pequim – Tóquio – São Paulo. E o roteiro seria o seguinte: 1. Ida a Pequim para dar aulas de danças brasileiras e dança-teatro, a nível de oficinas artísticas; fazer estágio de aprendizado na Ópera Nacional de Pequim, apreendendo técnicas de interpretação tradicional chinesa; visita a povoados chineses onde as minorias étnicas preservam suas danças, cantos e instrumentos musicais; realização de uma pequena mostra da cultura brasileira (artesanato indígena,

música brasileira, mostra de fotografia, vídeo e filme). 2. oooooooooo (cidade vizinha a Tóquio) para realização de estágio de um ano (hum ano) com o mestre japonês Kazuo Ohno de dança-teatro; 3. Volto a São Paulo para a organização artística e produção da continuidade do Projeto Rio Doze.

Este estágio no Oriente me fornecerá um arcabouço complementar e indispensável a já realizada aproximação de linguagem desenvolvida em território brasileiro. A arte, as técnicas e a postura de vida orientais acrescentarão a minha performance de intérprete, professora e diretora as qualidades de concentração, síntese e intensidade, que mescladas ao re-conhecimento da cultura brasileira e à postura de criação permanente apreendida entre os indígenas poderão forjar a meta final do Projeto Rio Doze – um espetáculo da alma brasileira.

Atenciosamente,

Maria Julia Pascale

Brasília, 19 de Maio de 1987.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Tendo tomado conhecimento do parecer negativo ao processo de nº 407402-86.1 venho requisitar uma revisão da referida posição baseada em que o curso de Butoh se enquadra na classificação Aperfeiçoamento no Exterior, com duração de 6 (seis) meses a contar de abril de 1987 e na argumentação que se segue.

Recebi um convite do mestre japonês de dança-teatro Butoh, sr. Kazuo Ohno (vide processo) para freqüentar aulas práticas e teóricas desta arte, no Japão. Este convite vem de encontro às minhas expectativas artísticas como dançarina, atriz e teatróloga e complementa de maneira prática e vivência intensa todo o Projeto que venho desenvolvendo desde o mês de janeiro de 1985 sobre os gestos e rituais indígenas.

Destes meses de vivência junto às tribos indígenas brasileiras, mais a realização de Oficinas Gestuais (em Cuiabá e Brasília) de aplicação desta vivência, apresentação do espetáculo “Transpiração” (primeiro fruto da nova linguagem) e estudo da filosofia oriental, clareou-se intelectualmente o PROJETO RIO DOZE.

1. o homem ocidental está afastado de sua Essência e portanto de suas raízes e expressão autênticas;
2. no Terceiro Mundo este quadro se agrava;
3. o artista não escapa desta situação e suas obras, na maioria, não conseguem responder aos anseios da comunidade;
4. os índios brasileiros (os mais distantes do contato com a “Civilização”) vivem em contato harmônico com a Natureza e sua Essência;
5. os orientais buscam e praticam esta mesma Harmonia, desenvolvendo técnicas e uma vasta literatura para atingi-la;
6. o Teatro Grego, nosso ancestral teatral, propõe um Homem guerreiro, desafiando os deuses e a Natureza, transformando o Universo, forjando situações de conflito;
7. fiéis a esta tradição, continuamos fazendo obras de teatro e dança, com o propósito de Transformar algo, “correndo contra a correnteza”, sempre querendo provar algo e estar à frente do momento vivencial que se apresenta;
8. Índios e Orientais ensinam que a Transformação é inerente e intrínseca à VIDA e sua ESSÊNCIA, e portanto à ARTE – nada há que ser proposto, mas sim captado,

portanto só em comunhão com o Universo é possível captar e transmitir a ARTE e se chegar às raízes de uma cultura.

Para que este conhecimento se complete e se apresente no meu ser artístico, o contato vivencial com a comunidade e as técnicas artísticas orientais é de extrema importância. Por isso pretendo passar seis meses no Japão, fazendo o curso de Butoh e requisito desta Entidade uma bolsa de estudos.

Creio que depois desta experiência num país oriental e mais algumas reflexões sobre as técnicas apreendidas, estarei apta a engendrar atitudes artísticas que tragam novo vigor e ótica à Cultura Brasileira, atuando ou dirigindo espetáculos ou coordenando cursos e oficinas para artistas brasileiros.

Confiante que uma nova apreciação do processo resulte em uma nova resposta aguardo e me coloco ao dispor para informações adicionais que possam clarear a argumentação.

Atenciosamente,

Maria Julia Pascale

Brasília, 2 de Dezembro de 1986.

Plano de Trabalho

BUTOH (Projeto Rio Doze)

Duração: Hum ano

Objetivo: Teoria e Prática do Butoh

Fui buscar, como Peter Brook e Antonin Artaud o fizeram, o sentido de necessidade e profundidade do ato teatral nas tribos indígenas. Por quê? Por um impulso inconsciente e imperioso para o reconhecimento das raízes da cultura brasileira.

Da vida na aldeia pude apreender que “tudo é uma questão de ciclos, círculos e de explosões periódicas”. Mas há um pulsar e ritmo constantes. Um ir de encontro à vida, no sentido artaudiano, sem tréguas. “As excitações aumentam, aceleram-se e encontram o seu apogeu” (Peter Brook). O movimento seguinte: a retração, o armazenamento e o recolhimento. E assim passa a se forjar uma nova expansão.

Assimilando este processo, que está em absoluta harmonia com a Natureza e o Cosmo, durante alguns períodos de 85 e 86, fui transformando a maneira de entender, interpretar e relacionar-me com o teatro, a dança, a mímica e as palavras.

Convivendo com os grupos Nambikwara, Enauenê-Nauê, Minky, Irantxe e Pareci, pude aprender a dançar nos seus rituais, e impregnar-me da energia dos rios, montanhas, vales, cachoeiras, céu, estrelas, sol e chuva que rodeiam estas tribos.

O sentido de viver foi se ampliando no meu ser e fui me dando conta que “uma cadeira não é uma cadeira e que um rosto não é um rosto: que a matéria, compondo-se decompondo-se, evoluindo e existindo na vida dos sentidos conforme as possibilidades de percepção do observador, forma dissimulando forma, estrutura sobreposta à estrutura, ela mesma dissimulando uma estrutura, era uma abstração mais próxima da realidade do que o instantâneo jamais tinha sido. “(Peter Brook).

Percebi, como Peter Brook ainda, que somos um sem-fim de imagens mentais, emoções e sensações que nos escapam e se comunicam com o mundo exterior. **A cada instante mudamos de objetivo, transmutamos reações, sentimos impulsos harmônicos ou contraditórios e alteramos o humor e identidade nos movimentos contínuos.**

Quebrando cada vez mais as cabeças externas do meu ser **indo** me aproximando daquele “núcleo frágil e movediço não definido pelas formas” (Artaud) que é o pulsar da vida e me encontrei com o Improviso. Dancei com os índios, os animais, os

vales, as montanhas e todas as manifestações da Natureza, utilizando todas as forças que giram em torno de nós.

Me deparei com uma força ancestral, penetrei num mundo “primitivo” e percebi que na cidade, o único lugar possível de se experimentar “certas coisas que sabemos corresponder profundamente à vida” (Peter Brook) é o teatro.

Desde 1984 venho estudando a filosofia oriental e seus reflexos na vida e arte dos povos japonês e chinês. Estes estudos vieram a ser aprofundados com minha convivência e acompanhamento do mestre japonês Kazuo Ohno, criador do Butoh, a “arte do corpo” (Bumaõs, pairar e Toh – pé), entre abril e maio de 86, quando da sua estada aqui no Brasil.

Assistindo aos seus espetáculos, ensaios e preparação artística, vislumbrei como a filosofia oriental que me norteou durante os meses de pesquisa nas tribos, aparecia no ato teatral.

Kazuo Ohno procura a expressão da vida na prática do Butoh. “Sempre que começo o Butoh sinto uma hesitação, por não saber de onde começar. Mesmo quando pensamos sobre o que é ‘viver’ vemos que normalmente ele se processa num inter-relacionamento entre duas atitudes, aparentemente opostas, que coexistem: a humanitarista e a realista. Penso que o Butoh não teria existência própria, se o separássemos do ato de viver. O Butoh começa nos movimentos cotidianos do corpo. O aprendizado se realiza embasado não se sabe se na constante conscientização da análise e síntese dos movimentos do próprio corpo, ou se no aprofundamento do conhecimento sobre o processo de viver. A sabedoria de viver, o respeito à vida, tanto de si como a de outros, o reconhecimento da Natureza, são temas que vão surgindo no processo de aprendizado. Na minha opinião deve-se procurar no Butoh uma oportunidade de travar um duelo consciente com o solene ato de viver.” (Kazuo Ohno)

E, partindo do pensamento oriental onde o nosso corpo é um pequeno universo com rios (nossas veias), sol e lua (nossos olhos), Terra (carne), montanha (ossos), etc. que corresponde ao _Grande Universo, combinando Humanidade e Natureza, a “arte do corpo Butoh me propiciará a decodificação artística da expressão que vislumbrei com os índios e a cultura brasileira, profundamente registrados na minha memória corporal” (Klaus Viana).

E no curso de Butoh poderei entrar em contato com um outro estado de movimento; e subordinando-me com liberdade as forças naturais, “sentir as energias que, quanto mais fundo se desce, mais fortes, mais nítidas e definidas se tornam. “Descendo abaixo da superfície, até o subconsciente e utilizar as correntezas de um imenso e escondido mar... e penetrar ainda mais fundo, lá onde, debaixo da terra, debaixo da água, encontra-se o fogo. É lá e somente lá que encontramos o vasto campo de experiências que nos permitirão buscar aquilo que é a própria vida.” (Peter Brook).

Deste aperfeiçoamento não só poderei criar expressões e espetáculos mais próximos da essência cultural brasileira como poderei trazer para o Brasil novas técnicas de criação e expressão artísticas.

Maria Julia Pascale

Ooooooooooooo

PROJETO RIO DOZE

BUTOH

MARIA JULIA PASCALE

Dadas as características da cultura geopolítica brasileiras, de extrema diversidade e amplitude, e os comportamentos artísticos teatrais em sua história recente, podemos observar:

1. desde 1970 não encontramos peças teatrais ou atos teatrais de repercussão nacional como o foram o Teatro Oficina e o Teatro de Arena; forjados na década anterior. Isto se dá, em minha opinião, porque os artistas ligados ao Teatro foram se envolvendo cada vez mais na tendência sócio-político-econômica do país, seja por sobrevivência ou tendência “artística” no mercado profissional. Este comportamento provocou uma distância, um descolamento dos artistas em relação ao povo e a Natureza.
2. os oooo realizados nestas últimas décadas trazem características da cultura ooooo oooo a montagem de “Macunaíma” de Mário de Andrade, adaptada e ooooo sob a direção de Antunes Filho ooooo uma montagem baseada numa postura de análise e distanciamento, não provocando a necessidade da obra para o povo do país. O regionalismo é acrescido da superficialidade levando os atores a interpretarem de uma maneira naturalista ou baseados noutras escolas clássicas, não se apresentando com uma linguagem proposta pela alma brasileira.
3. o público tem estado satisfeito? Ele oooo principalmente aos espetáculos ditos “comerciais”, especialmente os que exploram o sexo em suas várias nuances; ou então se aproximam dos espetáculos que trazem um grande astro de TV. O Teatro como força revolucionária, de elucidação, de vanguarda e engajamento não está aí. Não há respostas à confusão político-sócio-econômico-existencial pela qual passamos como país e povo. Para retomar sai necessidade e seu sentido original de ato transformador e reflexivo o Teatro precisa resgatar suas raízes buscando-as na cultura e memória profunda brasileiras e recriando-as com a intensidade, concentração e síntese.

Por tudo que foi exposto a continuação do Projeto Rio Doze (visita às tribos, busca de uma linguagem de teatro-dança, realização de dois espetáculos (“Transpiração e

ooo pela oooo”- e realização de oficinas de “Corpo e Expressão” em Cuiabá e Brasília) se faz necessária e de alta importância, pois após se chegar é postura de criação permanente transmitida pelos povos indígenas brasileiros e ao re-conhecimento da cultura e postura de vida das pessoas que compõe a imensa diversidade brasileira, há que se cultivar a concentração e a síntese para uma eleição e aprofundamento dos traços culturais fundamentais que poderão compor um espetáculo/ato teatral inspirado na alma brasileira. E isto é o Butoh.

Não só em termos de conteúdo, mas também em termos de linguagem haverá uma ampliação do leque de opções interpretativas, e, o que é mais importante, um mergulho na memória cultural de cada artista através de técnicas orientais oooo e eficientes como o BUTOH.

O estágio no Japão poderá ser transmitidos em função das oficinas regionais para a escolha de um elenco nacional que faça parte do grupo de pesquisa.

Atualmente o Projeto Rio Doze tem raízes em Cuiabá e Brasília, bem como São Paulo. De volta espera-se que oficinas teatrais sejam desenvolvidas no Maranhão, Amazonas, Acre, Porto Velho, Campo Grande, Salvador, Recife, Porto Alegre e Goiânia, conforme entendimentos com artistas ou agentes culturais destas regiões.

Creio que aprofundada as pesquisas intuitivas e históricas de cada região através do trabalho dos artistas com concentração, síntese e intensidade poderão formar não só um grupo nacional de busca teatral da alma brasileira, como propiciará que cada região, cidade ou estado se aprofunde artisticamente com os artistas que, após as oficinas, poderão confirmar o trabalho em suas “casas” originais.

A ampliação da consciência cultural, através do processo exposto acima. Oooo oooo que quanto mais próximos da oooo do nosso lugar no mundo oooo Universo, vislumbramos mais oooo a importância da nossa ação transformadora sobre o país e seu povo.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

PROJETO RIO DOZE

Relatório I

1. Atividades no Japão

a. Freqüência às aulas de Butoh, ministradas pelo mestre Kazuo Ohno em seu studio localizado em Yokohama, Japão. Dos meados de agosto até dezembro de 1987, foram três aulas semanais de duração de duas horas, sendo a primeira hora dedicada à exposição, por parte do mestre, dos fundamentos do Butoh e a segunda à prática do Butoh propriamente dita. Encontros eventuais, a nível individual, com o mestre Ohno para uma orientação mais pessoal. Visita aos teatros e espetáculos de Butoh, bem como encontros com outros artistas da mesma tendência. Leituras paralelas sobre a cultura japonesa e a criação de Butoh, especialmente ligadas a Tatsumi Hijikata, criador do Butoh junto com Kazuo Ohno.

b. Freqüência às aulas de Teatro Nô, ministradas pelo mestre Naohico Umewaka em seu studio localizado em Tóquio, Japão. De setembro a dezembro de 1987, os encontros se davam a cada quinze dias, com duração de três a cinco horas, sendo que este tempo era dividido em atendimento individual ou em dupla, intercalando-se ao encontro com outros estudantes de Nô para conversar com o Mestre. As indicações práticas de Nô foram seguidas diariamente, em casa, com exercícios de duração entre 40 minutos (etapa inicial) até 60 minutos (etapa final), para que houvesse uma real progressão no intervalo entre os encontro com o Mestre. Leituras paralelas, especialmente ligadas a Zeami Motokiyo (que sistematizou a atual forma desta arte), treinamentos taoístas chineses aplicados ao NÔ e Zazen (prática de meditação zen-budista). Presença aos espetáculos de Nô e conversas com alunos de Nô de outras escolas, que não a Kanze.

2. Conteúdo dos Cursos

a. BUTOH

A teoria do Butoh, exposta na primeira das aulas, buscava mostrar os temas ligados à vida e a expressão no seu sentido mais profundo e incaptável, à primeira vista. Kazuo Ohno nos falava da vida do feto e suas sensações no interior do ventre da mãe; da relação com os mortos que nos acompanham tanto no sentido vertical, (os “espíritos” dos espermatozoides-irmãos daquele que nos gerou) quanto no vertical (nossa ancestralidade); de como captar e expressar a vida de uma flor desabrochando; de como expressar o vento forte que sopra antes da tempestade na beira da praia; das sensações comunicadas por uma pintura; etc.

Após cada uma destas exposições Kazuo Ohno fazia uma escolha de músicas relacionadas ao tema daquela noite e durante uma hora dançávamos buscando descobrir nossa expressão pessoal para o assunto. A cada interrupção, Kazuo Ohno nos oferecia novos dados para o aprofundamento da pesquisa gestual.

A relação com o olhar era notada com especial atenção. Devíamos buscar nos expressar como se estivéssemos caminhando com a ajuda dos nossos “mortos”. Portanto, nossos olhos se comunicavam com o vazio, bem como todo o nosso corpo, completamente preenchido (o vazio) pela presença destes espíritos. Além dos olhos, nossas mãos e nossos pés também deviam buscar esta comunicação. O ideal, em termos de expressão para o Butoh, é que se dance como se tivéssemos olhos por todo o corpo. Ou seja, como se cada pequenina parte de nós mesmos estivesse em comunicação profunda e alerta com as comunicações, dúvidas, perguntas, sensações, medos, alegrias e certezas de cada um destes “mortos” que nos acompanham.

A seguir citarei alguns trechos das exposições do Mestre Kazuo Ohno:

_ “Vida no interior do ventre materno, acredito ser uma das coisas mais importantes. A vida, nascida da união de gametas, se prega na parede do útero. E aquele embrião estende a ponte do seu universo e seu sistema circulatório no interior da parede uterina. Neste momento há um contato de pele. Deste contato é que o embrião precisa receber o amor materno. Energia que será sugada da mãe. Aquela pequena vida se movimenta indo e vindo, num movimento de sugação. Este movimento, que reproduz uma bomba de sucção, é para retirar nutrição.

“Este ritmo do embrião é o ritmo do Universo. E depois deste movimento aquela ‘calda’ que ligava o embrião vai se alongando. E quando ele se torna um feto há um trabalho conjunto da mãe e da nova vida.

“Este embrião não conhece este ritmo do Universo, porém sem o saber ele incorpora em si o ritmo deste Universo. Não só ritmo, mas também existe uma música que dá para sentir no corpo. E esta música é a projeção da força vital da mãe. Acredito que o nascimento da música se dá da reminiscência desta experiência vital.

“Por outro lado, o corpo materno é o Universo no qual todas as condições já estão preparadas. A nova vida que está nascendo aprende existindo dentro do útero materno. Para que o Ser Humano, após o nascimento, possa continuar vivendo, essa experiência no interior do ventre é sumamente importante.

“Se retirarmos algum ensinamento deste fato, quando se pensa em Butoh, aquele que está iniciando terá que retirar a experiência do seu próprio movimento que é alimentado pela força cósmica.”

— “O nascimento da vida no interior do ventre materno ocorre com a reunião do espermatozóide com o óvulo. A fecundação é resultado de um só espermatozóide, o resto desaparece. Para haver aquela fecundação houve a participação de outros inumeráveis espermatozóide e portanto, se um único espermatozóide fecundou, os outros foram eliminados como no processo de seleção natural.

“E quando pensei sobre isso fiquei extremamente triste pelo fato de eu ser o produto de apenas um espermatozóide e que os demais tenham se perdido. Talvez vocês mesmos quando pensarem sobre isto sintam a mesma coisa que eu senti.

“Este fato, que me chocou bastante e que não me convencia (que milhões de seres potenciais tenham perecido), me fez pensar durante vários anos.

“Para mim este fato significa sobretudo que para haver uma vida, todas as outras vidas que aparentemente desapareceram, ajudam no aparecimento desta nova vida.

“Quando há uma vida, essa que nós vemos, acredito que todas aquelas vidas em potencial estão vivas, estão juntas desta vida que podemos perceber.

“Tem bastante gente, vocês estão comigo. Assim como vocês, eu não sou apenas eu, apenas a vida. A vida é também integrada por todas aquelas existências que fazem parte da vida em si.

“Eu repito, a minha existência, eu, não sou só esta presença, mas a consequência de todos aqueles que me trouxeram até aqui, e eu não posso negar o que há em mim.”

_ “Vivo com os mortos. Acredito que todos os seres humanos que até agora existiram estão vivendo em mim atualmente.

“Acredito que existem dois tipos de criatividade: uma na sua cabeça; outra é de perceber, sentir, a presença desses outros seres no seu interior.

“Não vou falar sobre esta criatividade cerebral, mas na que toca a presença dos mortos em mim. Gostaria de deixar claro que sinto a sua presença em mim. Esses mortos me ajudam na minha sobrevivência. Eles participam comigo no dia-a-dia, em todos os dias. Eu acredito também que esses mortos crescem e se desenvolvem junto comigo.

“Se eu sinto vitalidade, se eu sinto toda essa força em mim é que esses mortos me ajudam, e me castigam também, para que eu fique mais forte.

“Portanto, se a vida tem a participação desses mortos, a vida dos vivos terá que ser uma resposta a eles.”

_ “Desde o início dos tempos, o Ser Humano lutou desesperadamente para chegar até hoje. E nessa luta desesperada ele não poderia sobreviver sozinho. Sempre teve que procurar um companheiro, uma aliança, para poder sobreviver. E esta aliança está marcada no interior de cada um.

“Hoje essa é uma certeza dentro de mim. De que todo esse processo de constituição da existência está marcado não só por esses outros seres como também pela força Cósmica. Tudo isto me dá a certeza de que existo e de que isto é o símbolo da vida.”

_ “A palma da mão é o mesmo espaço do Butoh. Sonhei que minha mãe era uma taturana e que eu a carregava na palma da minha mão. Transformei minha mãe em um bicho, mas ela era tão forte que me trazia uma grande vibração, que eu sentia na palma da minha mão. Ela se movia e não caía da minha mão. Eu acredito hoje, que nesse sonho, minha mãe queria me ensinar que eu sendo dançarino deveria dançar com toda aquela energia, para transmitir toda a energia.”

_ Vou falar de outra experiência sobre o Butoh. Esta é uma história de vida. Quando minha mãe estava no leito de morte, ela disse para eu dançar como se houvesse um linguado passando no interior do meu corpo para me fazer sentir o corpo.

“O linguado vive na água e na areia. O corpo dele poderia estar achatado, mas os olhos se esticam sobre a camada de areia. O linguado, quando sai da areia para nadar, não se arrasta. Ele dá um salto levando tudo consigo, para depois começar a nadar. A água turva esconde seu corpo e para vê-lo é necessário muito esforço.

“Da mesma forma na dança, para esperar o momento da explosão tem que ter muita paciência. Aquele corpo se levanta do chão trazendo uma explosão assim como a dança tem que provocar em quem está vendo.”

b. TEATRO NÔ

Podemos definir o Nô como uma antiga arte cênica japonesa caracterizada pelo uso de máscaras e dança e canto feitos ao acompanhamento de música instrumental, segundo Zemmaro Toki. O Nô é uma arte clássica no Japão, com uma história de 600 anos, dotada de refinamento e simbolismo extremos. Foi criado no fim do séc. XIV por Kan'ami e seu filho Zeami, que introduziram inovações e refinamentos no Sarugaku, popular forma de entretenimento derivada de antigas fontes nativas e estrangeiras (chinesas, hindus).

O Nô baseia-se numa trindade – palavra rítmica e cantada, dança e música – de essências que produz uma perfeita harmonia. A trama é quase inconseqüente; o principal objetivo de espetáculo é fazer o público apreciar a beleza. Esta beleza está centrada nos conceitos de santidade, dignidade, probidade, nobreza, elegância e virilidade.

A essência da expressão Nô se assenta na simplicidade, unidade e harmonia. Tudo isto se dá de uma maneira concentrada esperando-se o máximo de efeitos cênicos através do mínimo de movimentos do ator. Todas as divagações são eliminadas para se obter uma severa simplicidade.

Os personagens e os temas dificilmente se referem à vida mundana, mas têm seu foco no mundo sobrenatural, seja religioso ou “subterrâneo”, que invariavelmente repousam na memória ou nos sentimentos da platéia.

Para que estes efeitos sejam alcançados se requer que os atores de Teatro NÔ sejam dotados de grande poder espiritual e de concentração e é neste sentido que mestre Naohico Umewaka desenvolveu alguns exercícios que praticávamos em aula e diariamente em casa ou nos parques, ao ar livre.

_ Exercício 1: Ficar apoiado no metatarso, em pé, coluna ereta, com os braços levantados na altura do peito como se abraçasse uma árvore, olhos fixos num ponto, durante, inicialmente quinze minutos, e progressivamente até 30 minutos. Prática diária.

_ Exercício 2: Mover, intercaladamente, os braços, empurrando o espaço e puxando para si este mesmo espaço, no sentido inverso de vazio.

_ Exercício 3: Mover-se adiante e para trás, 10 passos, como se saltássemos, retardando o tempo, progressivamente até 15 minutos, sem permitir um relaxamento físico ou mental, mantendo-se sempre cheio de significados.

Todos estes exercícios, acrescentados dos passos de mai – interpretação Nô, baseada em movimentos padronizados – são necessários para que se alcance uma atitude mental apropriada para esta arte cênica que mostra transições do leve ao grave, do alegre ao pesado, do lento para o rápido, com o mínimo de elementos.

Tudo isto deve ser alcançado usando-se uma pequena parte do palco, pois um verdadeiro ator Nô deixa um grande espaço para o exercício da imaginação. O que é deixado de mostrar não é mera lacuna, mas sim o reverso do vazio, conhecido como o “sabor Oriental”.

3. Conclusões Parciais

a. O Butoh é uma arte cênica que surgiu nos anos 50, neste séc., como uma explosiva resposta à II Grande Guerra e seus desastrosos efeitos. Foi um grito artístico de alerta e ao mesmo tempo de libertação. De alerta quanto à presença atemorizante da bomba atômica, do beco sem saída em que se meteu a Humanidade. E exatamente do choque deste novo fim de século, capitalista, decadente, com uma sociedade extremamente tradicional, como a japonesa, é que eclode a arte que explora e expõe os valores decadentes da atual sociedade. De libertação: da tradição, das normas artísticas e rígidas das artes convencionais Kabuki e Nô e do próprio espírito japonês. Inspirando-se para isso em tudo aquilo que o Kabuki e o Nô consideram o avesso da arte. Tudo o que foi rejeitado pelas artes tradicionais é reavaliado e elevado ao um novo tipo de expressão. Surge a irracionalidade, sons dissonantes e estridentes, contorcionismos corporais e faciais, gritos e choros. Todo o subterrâneo da alma japonesa é posto, pela primeira vez, à vista e catarticamente, com o objetivo claro de perturbar, através de fortes emoções e do mau-gosto. O Butoh fica sendo considerado como uma dança indígena japonesa apoiada no primitivo, erótico e grotesco.

Alguns grupos de Butoh, a maioria, seguem esta rota (acima delineada), Kazuo Ohno, ao contrário, trouxe luz e esperança à temática e prática desta arte. E inspirado na própria morte, constante e ameaçadoramente presente no mundo contemporâneo, dança a vida e seu sentido de esperança.

b. Sendo uma arte “criança”, em se tratando de Japão, o Butoh empresta das artes já sistematizadas os métodos e exercícios de preparação e aquecimento, numa combinação bastante livre, onde aparecem desde o Nô, o Kabuki, o Sumô, bem como o flamenco e os trabalhos artaudianos.

c. Exatamente pelo fato de o Butoh não haver criado, ainda, uma didática totalmente própria, senti necessidade de entrar em contato com os métodos e prática de preparação do ator NÔ, que ao meu ver se adequavam mais aos meus propósitos, por dar enfoque primordial ao desenvolvimento mental e espiritual do ator e sua expressão sintética e contida. Pelo mesmo motivo, e também pelo fato de o Teatro Nô dever parte de sua origem às artes chinesas e sua religião, me dediquei aos estudos das artes marciais chinesas (Tai Chi Chuan e Bá Gua) bem como aos treinamentos interiores taoístas.

d. Apesar de, por motivo de saúde, ter sido obrigada e interromper meus estudos práticos no Japão, continuo a abordar o tema de outras maneiras, seja por comparação artística, estudos teóricos, ou prática do UTAI (texto ritmado e cantado do Teatro Nô) e mesmo no contato pessoal e artístico com os artistas japoneses radicados ou em visita ao Brasil.

e. Das observações que pude fazer até agora, concluo que para o Projeto Rio Doze é oportuno que se apliquem as técnicas de preparação de ator do Teatro Nô, combinadas à abordagem espiritual do Butoh, buscando adequá-las à estrutura de corpo do brasileiro, bem como aos nossos valores culturais e espirituais.

Sinto que aprofundarei meus estudos buscando aplicar técnicas combinadas (orientais e ocidentais) a grupos de artistas e estudantes do Brasil (como aliás já tenho feito em São Paulo, seja no Centro de Pesquisa Teatral, coordenado pelo diretor Antunes Filho; no colégio INDAC, Departamento de Teatro – Cursos de Montagem e Estética Teatral -; ou na Escola de Teatro Macunaíma, onde atualmente desenvolvo e coordeno o curso de Montagem), e no desenvolvimento criativo de um espetáculo baseado, provavelmente, numa lenda brasileira.

Maria Julia Pascale

Julho/88.